

QUAIS OS INVESTIMENTOS SUBJETIVOS POSSÍVEIS PARA AS MULHERES NEGRAS?

PAMELA OLIVEIRA DA ROSA¹; NATHALIA DUARTE MOURA²; CAMILA PEIXOTO FARIAS³

¹Unniversidade Federal de Pelotas – pamela_oliveira91@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – nathimoura18@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir das inquietações que nós, enquanto duas mulheres negras, encontramos ao nos depararmos com uma lógica opressora que circunscreve os lugares que as pessoas negras podem ou não ocupar dentro da sociedade, ancorada na logicidade de subalternidade e exclusão, em específico das mulheres negras. O objetivo deste trabalho é tecer reflexões sobre as imagens impostas sobre as mulheres negras¹, partindo de uma problematização alicerçada a um panorama histórico, social e subjetivo compreendendo os processos e os efeitos das opressões de raça e gênero que afetam a balança de investimentos destas mulheres.

Historicamente, as mulheres negras têm sido colocadas à margem da sociedade, de forma que a leitura social produzida se baseia em noções opressoras, ancoradas no racismo e sexismo, reproduzindo ideologias de dominação que perpetuam ideias que colocam o corpo negro em um lugar de submissão, invisibilização, silenciamento, e subalternidade, e supõem que o papel das mulheres negras refere-se a servir ao outro (GONZALEZ, 2020). Essas articulações sobrecarregam o psiquismo de mulheres negras, refletindo no modo em que a constituição subjetiva dessas mulheres vai ser construída alicerçada em uma perspectiva de invisibilização e sentimentos de (não) pertencimento.

As articulações teóricas que iremos realizar se embasam nos conceitos, elaborados por FREUD (1915), de pulsão, destino pulsional e lógicas de investimento, que estão presentes na constituição do Eu, nas relações com o mundo externo e no funcionamento psíquico. Essa dinâmica exige que haja um encaminhamento proporcional desses investimentos direcionados para o Eu e para o Outro, de maneira a configurar um equilíbrio da balança de investimentos. No caso das mulheres negras, é possível entender que a balança de investimento é desequilibrada, devido às lógicas de subalternidade que lhe são impostas.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a construção desta pesquisa teórica é baseada no método psicanalítico situado que trabalha com a subjetividade e com a quebra da ideologia tradicional de como se fazer ciência. Assim, construímos um trabalho articulado com nossas subjetividades e com as vivências que perpassam nossos corpos, partindo de um viés onde essas experiências afetam a nossa forma de pesquisar, de forma a produzir um aprofundamento e fomentar problematizações referente ao tema da pesquisa (DOCKHORN; MACEDO; 2015). Em vista disso, fizemos o uso de ficções narrativas para tornarmos nítidas

¹ Mulheres - cis - negras

algumas discussões necessárias que envolvem a temática voltada para a negritude.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cena ficcional 1

Me chamo Beatriz. Sou uma mulher cis, negra, bissexual, de cabelos crespos, filha do seu Milton e da dona Neusa, e tenho 27 anos de idade. Minha mãe sempre me disse que para eu ser alguém na vida teria que ser e parecer mil vezes melhor que as outras pessoas (brancas) para conseguir conquistar espaços. Teria que me vestir, comportar e agir igual a Bianca, filha da amiga dela, a tia Patrícia. Ela se veste toda chic, tem cabelos lisos, nariz fino e pontudo, olhos claros e não ri alto. Desde então, nunca me senti bonita ou capaz de crescer na vida. Eu era totalmente o oposto, tinha lábios e nariz grossos, meu cabelo era “ruim”, não tinha olhos claros e ainda por cima eu ria alto, qualquer coisinha fazia eu gargalhar alto, sempre fui repreendida por isso.

Esta cena nos remete às implicações que o panorama social produz na dinâmica relacional e subjetiva da mulher negra, que se encontra imersa em uma sociedade racista, a qual influencia os modos de como ela se enxerga e se entende a partir da ideia pré-existente de que o grupo racial negro é inferior ao branco. A partir da idealização de um padrão branco que domina as lógicas de funcionamento, entende-se que as dores das mulheres negras são totalmente incompreendidas e muitas vezes banalizadas, como se elas não tivessem o direito de falar sobre suas vivências (GONZALEZ, 2020).

Historicamente, a mulher negra é vista a partir de algumas imagens engendradas que foram impostas a ela, de maneira que a servidão e a subalternização se tornaram uma marca deste corpo negro. Existe toda uma construção que circunscreve atribuições que são voltadas somente para as mulheres negras, ocasionando uma sobrecarga excessiva que atinge tanto sua vida material quanto subjetiva. Suas funções no período de escravização eram voltadas somente para serviços como *trabalhadora do eito* – trabalhos nas lavouras e outros serviços pesados –, *mulata* e *mãe preta* – serviço direcionada para cuidados da casa-grande como “lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre “livre” das sinhazinhas” (GONZALEZ, 2020, p.53) –. Além disso, eram destinadas atribuições de *mulata*, que recaiam sobre a mulher negra concepções de que o seu corpo é uma mercadoria exótica e erótica, de forma que a o assédio e exploração sexual se constituem como mais um recurso de subjugação utilizado para delimitar suas dinâmicas subjetivas e relacionais. Atualmente essas funções se atualizaram, mas ainda refletem esses processos e sistemas dominantes discriminatórios (GONZALEZ, 2020)

À vista disso, é imprescindível que notemos que a mulher negra é atingida por aquilo que Lélia Gonzalez (2020) vai nomear de *processo de tríplex discriminação*, no qual sua presença é atravessada por opressões de raça, classe e gênero. Essa interseccionalidade diz respeito sobre como se dão as dinâmicas de funcionamento desse conjunto de opressões e revelam o efeito dessas desigualdades e violências, produzidas por uma sociedade que se ancora em lógicas racistas, burguesas e sexistas (CRENSHAW 2002).

Cena ficcional 2

Eu nunca me senti bonita de verdade e nem capaz de fazer alguma coisa. Por mais que meus pais falassem o contrário, no fundo eu nunca acreditei porque por muito tempo eu escutei dos meus colegas, na escola, que eu era feia, burra, e que meu cabelo era “ruim” e parecia um “bombril”. Então eu sempre odiei meu corpo e meu cabelo, pedia todos os dias pra minha mãe alisar. Assim como sempre que eu chegava da escola, enquanto ela tirava o cochilo da tarde, eu corria até o balde de prendedores e colocava alguns no meu nariz, para ver se assim ele afinava.

É a partir de todos os estereótipos que o corpo da mulher negra carrega que a sua constituição psíquica é atravessada pela exclusão, falta de oportunidade e vulnerabilidade, que deixam marcas psíquicas proporcionando percepções distorcidas de si e dificuldades para subverter as lógicas que invisibilizam e desconsideram as suas vivências e sentimentos. No que tange os papéis de gênero socialmente determinados, construiu-se a ideia de que as mulheres-cis-brancas são sinônimos de delicadeza, pureza e docilidade, que devem estar encarregadas das tarefas e funcionamento doméstico, tendo a maternidade e o matrimônio como elementos fundamentais dessa dinâmica (ZANELLO, 2018). Já as mulheres-cis-negras são restritas aos papéis que as desconsideram como representantes do modelo de feminilidade ideal, reservando a elas determinações referentes a agressividade, imoralidade, sexualização e subalternidade (ZANELLO, 2018; HOOKS, 2019).

Cada uma dessas imagens, fazem com que as linhas de opressão se perpetuem por toda sociedade ocasionando, assim, a noção de que o corpo da mulher negra é passível de recusas e renúncias no âmbito dos investimentos libidinais, impondo exigências que geram uma série de impactos na sua dinâmica e constituição psíquica. FREUD (1915), em “*Pulsões e destinos da pulsão*”, vai propor uma discussão sobre o que é pulsão e quais os seus destinos. Em vista disso, para que se tenha a compreensão sobre a constituição psíquica e as lógicas de investimentos, é preciso entender que o Eu é o primeiro objeto de investimento, que se estabelece a partir da relação adulto-criança. E, logo em seguida, as pulsões são conduzidas em direção a objetos do mundo externo. Desse modo, é necessário que haja um equilíbrio nas dimensões de investimentos - equilíbrio entre os investimentos no eu e nos objetos externos - de forma que não se tenha nenhum prejuízo no funcionamento psíquico.

No caso das mulheres negras, é possível notar a existência de um desequilíbrio na balança de investimentos ao passo que às lógicas sociais limitam as suas expressões de raiva e ódio, restringindo as suas escolhas objetais, direcionamentos e encaminhamentos pulsionais. Consequentemente, o que ocorre, além da falta de investimentos no Eu, é o “redirecionamento contra a própria pessoa” (FREUD, 1915), especialmente do ódio, como possível destino das pulsões que não puderam ser direcionadas ao mundo externo. Sendo assim, neste caso do retorno dos afetos sobre si, as mulheres negras passam a se odiar, depreciar e a desacreditar das duas potencialidades. Além disso, é exigido de nós um grande investimento nos objetos externos, que permaneçamos no lugar de subalternidade, de estar sempre disponíveis para servir aos outros. Esses pactos provocam grandes impactos na saúde mental de mulheres negras.

4. CONCLUSÕES

O exercício de direcionar um olhar para as noções de todos os atravessamento que perpassam um corpo negro, especificamente o da mulher negra, exige de antemão a compreensão de como se deu a construção da nossa sociedade, essa que se baseia ainda hoje em lógicas racistas, sexistas e burguesas, onde legitimam a invisibilização e a subalternização do corpo da mulher negra. É importante que enquanto pesquisadoras negras, passemos a ocupar lugares que um dia disseram que não eram nossos, de maneira a começar a evidenciar as potencialidades que um corpo negro possui.

Portanto, entender a dinâmica social opressora e suas reverberações na constituição do eu e nas possibilidades de investimento em si e nos outros é fundamental para pensarmos de forma complexa a saúde mental de mulheres negras e a possibilidade de construção de políticas públicas efetivas para essa população.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo** / tradução Bhuvi Libanio. – 1ª. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem. [online]**. 2002, vol.10, n.1, pp.171-188. ISSN 1806-9584.

FREUD, S. (2006) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: _____. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, p. 77-110. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14). (Originalmente publicado em 1915)

FREUD, S. (2006) **Repressão**. In: _____. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, p. 147-165. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14). (Originalmente publicado em 1915).

FREUD, S. (2006) **Os instintos e suas vicissitudes**. In: _____. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, p. 117-146. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14). (Originalmente publicado em 1915).

GONZALEZ, L. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar. 375 pp

ZANELLO, V.. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. – 1. ed – Curitiba: Appris, 2018.

DOCKHORN, C. N. DE B. F.; MACEDO, M. M. K.. Estratégia Clínico-Interpretativa: Um Recurso à Pesquisa Psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 4, p. 529–535, out. 2015.